



## Edênio Valle e os seminários "Psicologia e Senso Religioso"

### *Edênio Valle and the seminars "Psychology and Religious Sense"*

Geraldo José de Paiva\*

**Resumo:** São repassados, resumidamente, os textos das palestras que o professor Edênio Valle proferiu em seis Seminários "Psicologia e Senso Religioso", organizados pelo GT Psicologia & Religião, da ANPEPP. O resumo dos textos é precedido de uma apresentação do conferencista, e seguido de uma apreciação geral.

**Palavras-chave:** Edênio Valle. Psicologia e Senso Religioso. Seminários.

**Abstract:** A substantial digest is offered of the lectures Professor Edênio Valle gave on six Seminars "Psychology and Religious Sense", organized by the Anpepp Work Group "Psychology & Religion". The digest is preceded by a presentation of the lecturer, and followed by a general appreciation.

**Keywords:** Edênio Valle. Psychology and Religious Sense. Seminars.

O foco de minha contribuição à homenagem que a REVER oportunamente presta, com toda justiça e gratidão, ao Professor Padre João Edênio dos Reis Valle, Emérito da PUC-SP, estará voltado para a participação do homenageado nos Seminários "Psicologia e Senso Religioso", promovidos pelo Grupo de Trabalho (GT) "Psicologia & Religião", da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia, Anpepp. Penso ser oportuno comunicar a criação do prêmio "Edênio Valle" para o melhor poster apresentado no XIII Seminário, Psicologia e Senso Religioso, em São Luís do Maranhão, em junho deste ano.

Esse enfoque é justificado, uma vez que Edênio tinha a formação acadêmica em teologia e em psicologia, foi um dos fundadores, na PUCSP, dos estudos de Ciência da Religião, ocupou-se com a pesquisa e o ensino de Psicologia da Religião nesse Centro de estudos pós-graduados, criou o Acolher, Centro de atendimento psicológico a sacerdotes e religiosos, não exclusivamente católicos, participou de numerosos congressos, no Brasil e no exterior, voltados para as relações entre religião e psicologia, publicou substanciais livros e artigos nessa temática (entre outros, Valle, E., 1998, 2020).

---

\* Contato: [gjpaiva@usp.br](mailto:gjpaiva@usp.br) – ORCID: 0000-0001-6656-4873. Email: Professor Titular pelo Instituto de Psicologia da USP (São Paulo-SP).

Porém dessa riqueza toda e de outras atividades, falarão, com mais propriedade, outros contribuintes deste número de REVER. Optei por restringir-me à participação do saudoso professor nos Seminários “Psicologia e Senso Religioso”, que a cada dois anos, desde 1997, se realizam em diversas Universidades do país, congregando acadêmicos brasileiros e estrangeiros, profissionais e estudantes de psicologia, interessados em Psicologia da Religião.

O professor Edênio não era membro do GT “Psicologia & Religião”, mas participou ativamente, isto é, com presença, palestras e discussões, de vários Seminários. Dessas participações temos seus textos, publicados nos livros que se seguiram aos eventos. Procurarei acompanhar nosso mestre e amigo nesse percurso, embora esteja cômico de que um breve apanhado, justificado pelas regras de um artigo, não representa a riqueza de suas intervenções.

A primeira participação do professor Edênio deu-se no IV Seminário, “Psicologia e Senso Religioso: Processos Psicológicos na Representação Religiosa”, realizado em São Paulo, no Centro Universitário Maria Antonia, da Universidade de São Paulo, de 13 a 15 de setembro de 2002, com a palestra “Ilusão e desejo: chaves para a compreensão do dilema ateísmo-devoção” (Paiva & Zangari, 2004, pp. 277-298). Edênio, como integrante da mesa, escolheu comentar e desenvolver o tema proposto por Olga Sodré, Norberto de Abreu e Silva e Monique Augras, respectivamente “Materialismo e Fé. O testemunho dos santos e o diálogo inter-religioso”, “Aspectos religiosos em Wittgenstein” e “Devoções populares: arcaísmo ou pós-modernidade?”. O título de sua intervenção, “Dilema ateísmo-devoção” parece-me inspirado em Monique, embora tenha um sentido mais amplo, que eu descreveria como “ateísmo-religiosidade”. Nessas apresentações, Edênio descobriu a convergência de perspectivas, a saber, o itinerário pessoal entre a adesão religiosa e o ateísmo, itinerário dinâmico e não linear, que conhece avanços, hesitações, recuos, novos avanços, tanto no sentido da adesão religiosa como no do ateísmo. Esses itinerários, que reconhece em Wittgenstein e nos santos, ele examinará sob as epígrafes de “ilusão” e “desejo”, comparando os itinerários de Francisco de Assis e de seu “biógrafo” Nikos Kazantzakis, e de Sigmund Freud, acompanhado no livro de Ana-Maria Rizzuto, “Por que Freud rejeitou a Deus”. Apoiando-se na psicanálise, que atribui a adesão religiosa ao desejo de proteção, na infância por parte do pai humano, na idade adulta por parte de um Deus, “pai superpoderoso”, e que demonstra como esse desejo não passa de uma ilusão, Edênio não só reconhece o vigor teórico dessa explicação, como a contrapõe à posição de Antoine Vergote, que mostra a possibilidade de transformação e sublimação do processo inconsciente da ilusão. Com Rizzuto, aponta as vicissitudes da infância do próprio Freud como presença atuante em suas concepções teóricas, confirmada, aliás, pelos objetos de arte que acumulou ao longo da vida, símbolos de sua própria ambiguidade em relação à religião da família. Um passo adiante, e Edênio traz à discussão o conceito de ilusão proposto por Winnicott, e mais amplamente pela teoria das relações objetais, como trampolim necessário entre o autismo e o mundo exterior, entre o puramente psíquico e a realidade externa, e entre o “acreditar que” e o “acreditar em”. E mais, faz notar que os processos inconscientes estão na raiz tanto da adesão religiosa como da negação do divino, não servindo apenas para o questionamento da religião, mas também para o questionamento do ateísmo.

A segunda participação do professor ocorreu no V Seminário, realizado na PUC de Campinas em 2004, e coordenado por Mauro Martins AmatuZZi, com o tema Psicologia e Espiritualidade. Nesse Seminário, o professor Edênio apresentou a perspectiva psicológica da religião e da espiritualidade, com a palestra “Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico” (AmatuZZi, 2005, pp. 83-107). O difícil campo de pesquisa da “espiritualidade” e sua relação com a “religiosidade”, Edênio o afrontou, como psicólogo, com muito cuidado. E simpatia. Reconhece sua atualidade, sua complexidade conceitual, sua polissemia, sua derivação recente, na cultura geral (diria eu, do soft power norte-americano). Julga importante conceituar com exatidão o que se entende por espiritualidade, religiosidade e experiência religiosa, para num segundo momento examinar o que a Psicologia pode oferecer nesse campo semântico. Antes de entrar na exposição, o professor adverte contra dois perigos que a envolvem: de um lado, a Psicologia, com resquícios das antigas posições de menosprezo, pode tender a reduzir o religioso e o espiritual a processos psíquicos, fortalecida pelos recentes desenvolvimentos das neurociências; de outro, a Teologia, ignorando a realidade corpórea das pessoas no exercício da religião, pode tender a transformá-las em seres angelicais, cujos dinamismos independem do corpo. Evitando esses dois escolhos, Edênio esclarece “os termos da questão” e, a seguir, oferece à espiritualidade “o olhar do psicólogo”. A discussão atual, lembra ele, foi facilitada por dois fatores: a aproximação, recíproca, entre Psicologia e Teologia/Filosofia, com grandes nomes de um e outro lado, e a consciência de que existe uma base humana comum na multiplicidade das adesões religiosas. Observa, em primeiro lugar, que religião e religiosidade são termos antigos em Psicologia da Religião, o que não acontece com o termo “espiritualidade”. Edênio declara abster-se quanto possível das informações teológicas, que levariam tais termos a muitos séculos atrás e, mesmo, ao início do cristianismo. Bem ciente de que as definições psicológicas de religião se contam às dezenas, ele opta pelas definições de Thouless e de Vergote que, ambos, incluem pensamentos, crenças e sentimentos em relação ao sagrado ou ao divino. Diferentemente da Sociologia, que centra a atenção nos processos sociais dessa relação, a Psicologia se interessa por sua apropriação subjetiva. Com isso, atenta para os dinamismos conscientes e inconscientes, biológicos e psicossociais das pessoas em sua inserção sociocultural na religião. Religiosidade, Edênio a define fenomenologicamente como “a experiência individualizada do transcendente”, distinguindo-a, mas não a separando, da religião, “que é sua matriz instituída”. Aproxima a religiosidade da referência à ultimidade, ao numinoso, tremendo e fascinante, com que Otto descreve (ou define?) o sagrado, que segundo William James encerra um quociente de solidão. Para o professor, a experiência religiosa é, nas palavras de Jean Mouroux, a experiência estruturada por excelência. Unifica ela, sem confundi-las, as tomadas de consciência da vida e da comunidade humana num ato de entrega a seu fundamento, isto é, o divino ou, nomeadamente, Deus. Porém essa realidade unificadora não é produto da pessoa simplesmente “em sua solidão”: supõe, desde o início da vida, relações com outras muitas pessoas, na família, nos diversos grupos religiosos, com suas crenças, ritos e práticas. A essas variáveis o psicólogo prestará atenção quando lidar com a experiência religiosa de seu cliente, mesmo que a qualifique contemporaneamente como “espiritual”. Num segundo momento Edênio vai considerar “a espiritualidade no olhar do

psicólogo”. Define, primeiro, o que a espiritualidade não é: algo desencarnado do corpo, da matéria ou do mundo; simplesmente religiosidade, embora expressa por milênios pela religião, pois pode haver espiritualidade nas experiências “criativas e profundas”, mesmo se negativas, sem referência religiosa; algo sempre saudável. Conceitua, a seguir, o que é a espiritualidade: algo “básico e elementar”, busca do sentido último para a vida, que permite enfrentar os compromissos do dia a dia. Edênio não desconhece os óbices dessa busca e aceita que as insuficiências fazem parte do crescimento espiritual que, para Winnicott, a partir do biológico, culmina “na criatividade, na arte, na ética e na espiritualidade”.

A terceira participação do professor Edênio deu-se no VI Seminário, realizado em São Paulo, em 2006, na Universidade Paulista, coordenado por Irene Gaeta Arcuri e Marília Ancona-Lopez, intitulado “Temas em Psicologia da Religião”. As mais das vezes os Seminários têm um tema central, mas é interessante haver um Seminário onde apareçam temas variados, do interesse dos pesquisadores. Nesse Seminário, o professor Edênio discutiu “Aconselhamento psicológico e Aconselhamento espiritual: contextualização geral e um estudo de caso” (Arcuri & Ancona-Lopez, 2007, pp.137-164). O interesse de Edênio era delimitar com clareza o papel do psicólogo e o do conselheiro espiritual no atendimento às pessoas com seus problemas existenciais. O aconselhamento psicológico é, em suas palavras, quase literalmente transcritas, o trabalho do profissional credenciado que no atendimento visa ao bem-estar e/ou (re)equilíbrio psicológico do cliente. Já o aconselhamento espiritual é uma relação de ajuda voltada para o equilíbrio e amadurecimento espiritual da pessoa, entenda-se o espiritual como o religioso, como o sagrado ou, menos tradicionalmente, como a busca pessoal de sentido. Sabe-se que até há pouco tempo, e ainda hoje, as pessoas recorrem com frequência aos ministros religiosos em busca de orientação, de alívio e de conforto, inclusive de ordem psicológica. Outros dirigem-se aos psicólogos e psicoterapeutas em busca dos mesmos objetivos, que podem incluir o espiritual e o religioso. Porém esses problemas não excluem o concurso dos dois profissionais, porque os problemas espirituais ocorrem num sujeito corporal, e os problemas psicológicos podem dizer respeito a valores fundamentais, a memórias e expectativas propriamente religiosas ou, mais amplamente, espirituais. Edênio toma como ilustração o espiritismo tradicional, representado por Chico Xavier, e o espiritismo dissidente de Waldo Vieira. Ambos os espiritismos procedem do mesmo Allan Kardec, mas segundo suas duas vertentes: a religiosa e a científica. Chico Xavier personificou a primeira, inserida nas raízes católicas do povo mineiro, no qual foi criado, com recurso aos santos e com ênfase na caridade. Vieira optou pela vertente científica e filosófica de Kardec. Ambos acudiam as pessoas em seus sofrimentos e em seus lutos: Xavier pondo-as em contato com os espíritos, incentivando-as à oração e à prática da caridade; Vieira, utilizando os conceitos secularizados de consciência, com sensível influência das espiritualidades parareligiosas da Nova Era (New Age). Se Chico Xavier se valeu de inúmeras psicografias de espíritos, Vieira, desde seu distanciamento de Xavier, se especializou em abordagens senão psicológicas, associadas à Psicologia. O interesse de Edênio está voltado para a inflexão drástica que Vieira imprimiu ao espiritismo brasileiro tradicional, criando a Conscienciologia ou a Projeciologia, um Instituto de estudos da nova ciência, e uma difusão internacional. Essa inflexão Edênio denomina

de metamorfose, não mera adaptação do espiritismo. Vieira, no entender de Edênio, percebeu a mudança cultural contemporânea no campo religioso, com a importação de religiões ou parareligiões de procedências variadas e com a inserção do psicológico na orientação da vida, inclusive religiosa (Não por acaso cresce o número de sacerdotes católicos e pastores evangélicos ou ministros de outros cultos que estudam Psicologia, seguem programas de pós-graduação e chegam ao doutorado). Como fizera com o episódio de Catulé (Valle, 2012), estudado no esquema da psicologia cultural, Edênio empreende um estudo de caso da Conscienciologia ou Projeciologia, de Waldo Vieira, perguntando-se se trata de “uma metamorfose no espiritismo brasileiro tradicional”, personificado em Chico Xavier. Edênio identifica uma raiz parcial da Conscienciologia na abertura da sociedade brasileira à modernidade e aos valores secularizados, de que o néo-esoterismo e a gnose paracientífica são expressões mundiais. Essa perspectiva parareligiosa abraçada por Vieira “cria um corpo ou sistema próprio de doutrinas, inaugura modos novos, já não espírita-cristãos, de entrar em contato com o mundo transcendente” (Valle, em Arcuri & Ancona-Lopez, p. 153). Cerca-se de colaboradores mais instruídos e atinge uma classe de nível socioeconômico mais alto, que não está em busca de cura ou consolo, mas de uma nova maneira de viver e de uma espiritualidade subjetiva, desvinculada das formas institucionais, ou costumeiras, do passado. Isso lhe é oferecido pela Conscienciologia. Esta se apresenta como um estudo científico da expansão da consciência e de sua independência do cérebro e de outras funções biológicas. Essa independência lhe possibilitaria projetar-se para fora do corpo, em experiências *out of body*, e derivadamente em experiências de quase-morte, clarividência, bi-locação, et outras. Essas derivações descrevem a Projeciologia. Edênio percebe, contudo, esse fenômeno como tipicamente brasileiro, pois ao mesmo tempo que dialoga com a secularidade da New Age, não perde “a espiritualidade do Espiritismo e das religiões populares brasileiras de ontem e de hoje” (em Arcuri & Ancona-Lopez, p.158).

A quarta participação do professor Edênio ocorreu no VII Seminário, realizado em São Paulo, no Instituto de Psicologia da USP, em 2010, coordenado por mim, com o tema “A Psicologia do enfrentamento religioso na saúde e na doença”. Nesse Seminário, o professor Edênio apresentou a conferência “Teologia e Psicologia do Enfrentamento Religioso” (Zangari, Machado & Paiva, 2022, pp.31-52). O tema confiado ao prof. Edênio insere-se na questão mais ampla da relação entre fé e razão, teologia e ciência, uma relação epistemológica e metodológica. Mais especificamente, Edênio tratou da relação entre Teologia e Psicologia, encontrando um ponto comum no assunto central do Seminário, a saber o enfrentamento religioso. Edênio ressalta desde o início que reconhece a existência de muitas teologias, derivadas das muitas religiões (alguma sofisticadas, como a teologia islâmica, outras mais simples, como, entre nós, a teologia umbandista). Firma-se, porém, na teologia judaico-cristã e particularmente na teologia cristã e católica, de que é reconhecida autoridade. Dela traça um amplo quadro de entendimento: teologia sapiencial, dos primeiros cristãos e dos chamados Pais da Igreja; teologia racional, da Idade Média até recentemente, ancorada em Aristóteles e elaborada por Tomás de Aquino; teologia crítica contemporânea, atravessada pelas filosofias e ciências modernas. O professor julga importante que, ao afrontar ciência e religião, os representantes de uma e outra conheçam o essencial tanto dos pressupostos como dos



procedimentos de ambas. E observa que há muito a progredir nesse esforço, de parte a parte... Uma outra distinção que Edênio elabora é a que existe entre teologia popular e teologia científica, a primeira de natureza mais “sapiencial”, a segunda mais afinada com as modernas questões epistemológicas e metodológicas. Reconhece o valor da primeira, e a distingue das versões simplificadas transmitidas pela mídia e pelos livros da autoajuda, mas a distingue também da teologia científica recorrendo à expressão de Clodovis Boff, “dicionário e gramática”, respectivamente o conhecimento sapiencial das realidades da fé e seu conhecimento articulado. Não se ilude, contudo, tanto no caso da ciência como no da teologia, quanto ao alcance definitivo do conhecimento de uma e outra, que acabam numa “nuvem do não saber”, na expressão apofática. Passando à “conjuntura da discussão” do Seminário, observa em primeiro lugar que a religião continua invocada, apesar do todo progresso científico, em situações de extremo estresse, luto, cataclismas e semelhantes. Esse é um dado que a Psicologia deve levar em conta, como expressão do comportamento humano. Citando uma pesquisa de Marília Ancona com seus doutorandos, aponta como os próprios psicoterapeutas, em seus problemas pessoais, invocam a religião. A essa altura, Edênio vê como promissoras as pesquisas em Psicologia de Ken Pargament e colaboradores relativas ao enfrentamento religioso. Não cita, porque ainda não publicada, a importante obra de Pargament e Exline (2022), *Working with Spiritual Struggles in Psychotherapy*, na qual os autores estendem até os problemas propriamente espirituais e religiosos os recursos psicológicos do *coping*. Mas detalha a importante contribuição de Barbour, físico e teólogo, que propõe, nas *Gifford Lectures* de 1989-1991, ao invés de distanciamento e conflito, uma atitude de diálogo e, mesmo, de integração entre ciência e religião. Em sua avaliação, os estudos de vários pesquisadores e, sobretudo de Pargament e associados sobre o enfrentamento religioso, são realizações bem-sucedidas das duas últimas proposta de Barbour. No campo mais amplo da relação entre psicologia e religião, subcampo de ciência e religião, conclui sua intervenção no Seminário com uma citação de Ralph Hood, que afirma textualmente que “a questão ontológica da existência de Deus não pode mais ser ignorada na Psicologia da Religião”, e de Ana-María Rizzuto, que discorda apenas do Freud da ciência, não de todo o Freud (Valle, em Zangari et al., 2022, p.45s).

A quinta participação do professor ocorreu no IX Seminário, realizado em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, em 2014, coordenado por Thiago A. Avellar de Aquino, com o tema “Morte, Psicologia e Religião”. A palestra do prof. Edênio versou sobre “A experiência de quase-morte (EQM): uma experiência mística? Uma leitura desde a psicologia da religião” (Freitas, Aquino & Paiva, 2016, pp. 199-244). Em sua intervenção, Edênio distingue cuidadosamente o que é mística em Teologia e o que é mística em Psicologia. Esse cuidado deve ser realçado, pois levou o professor a abster-se de seu vasto conhecimento teológico e a considerar o misticismo na perspectiva psicológica recente e atual. Um fenômeno que não consta no entendimento teológico é o da chamada Experiência de Quase-Morte (EQM), que, ao contrário, tem sido frequente objeto de interesse de médicos, biólogos, neurocientistas e psicólogos contemporâneos. Edênio, com base em Greysson e Holden, junta as principais características dessa experiência: proximidade da morte, aspectos psicológicos e místicos, narrativas baseadas na memória das pessoas, o estado peculiar de consciência em que elas se encontram no

momento da transição, efeitos comportamentais após a fase aguda (Valle, em Aquino et al., 2016, p. 200). Ao introduzir a discussão, Edênio observa que a questão da morte, enfrentada tradicionalmente pelas religiões, está sendo estudada, atualmente, pela medicina, pela biologia e pelas ciências cognitivas que realçam o papel da consciência, com a seqüela de impressões, sentimentos, humores, interesses, e semelhantes, próprios de cada pessoa. Nisso tem o apoio de William James, que analisou a experiência religiosa em suas dimensões espirituais, mas também em suas dimensões neurofisiológicas, além de seus pressupostos filosóficos. Dada a complexidade do fenômeno e da EQM e a multiplicidade de enfoques teóricos e metodológicos, tanto da Psicologia como de outras ciências, o professor se dispõe a reunir elementos que contribuam para o surgimento de uma “miniteoria”, ou teoria de médio alcance. Observa, além disso, que em relação à morte, e daí à quase-morte, a religião e a ciência têm linguagens e símbolos diferentes, sem que privilegie a linguagem religiosa, pois também a linguagem da ciência pode conduzir a uma disposição sensata diante da morte. O termo que pode recobrir ambas as abordagens é espiritualidade. Edênio oferece, a seguir, como é de seu feitio, uma contextualização do assunto. Acrescenta outros estudos, principalmente médicos, que apontam a natureza também psicológica da EQM. Privilegia a discussão do especialista holandês van Lommel, que se baseia no psiquiatra Raymond Moody que identificou 21 componentes da experiência de quase-morte. O que lhe chama a atenção, como psicólogo da religião, na descrição desses componentes, são os numerosos elementos de natureza psicológica. E pergunta à biomedicina se há realmente morte cerebral, quando as pessoas fornecem narrativas tão ricas e minuciosas daquilo por que passaram na EQM. Como psicólogo, de fato, fica admirado do número de percepções cognitivas e afetivas de que as pessoas se recordam. Lembra, nesse particular, os estudos de Damásio acerca das relações entre cérebro, mente e consciência, tema que deixa, no entanto, a cargo das neurociências e da fisiologia. Sua contribuição específica, que declara a seguir, consiste em “buscar na pesquisa psicológica sobre as experiências místicas a inspiração principal para o entendimento das reações cognitivas e emocionais dos sujeitos” (Valle, em Aquino et al., 2016, p. 215). Seu guia, nessa empreitada, é o psicólogo Ralph Hood Jr., da Universidade do Tennessee, autor de numerosos estudos relativos ao misticismo. Hood encara o assunto na perspectiva psicológica, e não na teológica, embora tenha por vezes encontrado em seus sujeitos aproximações entre uma e outra. Inspirado por James, mas complementado pelo filósofo Walter Stace, que propôs categorias descritivas menos imprecisas que James, Hood criou a Escala de Misticismo. Essa Escala distribui entre três fatores, os 32 itens que a compõem. Os fatores, conseguidos em vários levantamentos realizados por vários colaboradores e analisados com técnicas estatísticas avançadas, são os seguintes: Misticismo de extroversão (sentimento de intensa unidade com o mundo), Misticismo de Interpretação Religiosa, (relacionado ao sagrado e ao divino), Misticismo de Introversão (perda do senso do eu e senso de unidade com o todo e/ou com o nada). Edênio se mostra esperançoso de que, com os conhecimentos atuais da Psicologia, os psicólogos da religião possam trazer ao debate sobre a EQM uma perspectiva que interaja com originalidade com as perspectivas médicas e neurocientíficas.

A sexta, e última, participação do professor Edênio deu-se no X Seminário, realizado em Curitiba, na Universidade Católica do Paraná, em 2015, coordenado por

Mary Rute Gomes Esperandio, com o tema geral “Psicologia da Religião no Brasil”. A participação do prof. Edênio teve como título “A Psicologia da Religião no espelho de três revistas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)” (Esperandio & Freitas, 2017, pp.95-111). Nada, de certo, melhor que essa derradeira contribuição de Edênio aos Seminários dedicada a sua Universidade. Nela, Edênio, demonstra não só seu conhecimento do assunto, mas, parece-me, seu orgulho da Instituição a que por tantos anos serviu com competência e amor. Edênio ressalta que apresenta uma pesquisa preliminar, inclusive porque os dados dos primeiros tempos, coletados em 2008 por alunos de Introdução à Psicologia da Religião, foram perdidos. E em todo o teor de sua comunicação perpassa essa sensação de “preliminaridade” dos estudos de Psicologia da Religião, sobretudo no Brasil, em razão de seu complexo objeto, a psique humana individual, grupal e coletiva, de suas inspirações teóricas e de suas opções metodológicas., Edênio passa ao específico de sua palestra, percorrendo três revistas que a PUC-SP produziu, em sequência: o Boletim do Laboratório de Psicologia e de Pedagogia Experimental (desde 1952), a Revista de Psicologia Normal e Patológica (desde 1955) e a Revista de Estudos da Religião, REVER (desde 2001). A publicação dessas revistas é situada na história do curso de Psicologia na PUC. Desde o início, a PUC, como Universidade católica, julgou sua missão relacionar cientificamente o estudo do comportamento com a dimensão religiosa das pessoas. Esse procedimento acompanhou as várias etapas da constituição da disciplina e do curso de Psicologia na Universidade. Edênio lembra a história da Psicologia na PUC, que acompanha o ritmo da criação e consolidação da disciplina no país. E observa que, como entidade católica, a Universidade manteve na Psicologia, desde o início, alguma relação acadêmica com a religião. Nem por isso, contudo, se tratava da Psicologia científica da Religião, cujo nascimento e desenvolvimento ele acompanha “no espelho” das três Revistas acima referidas. No Boletim, Edênio registra estudos relativos à Psicologia geral, e não à Psicologia da Religião em particular, mas ressalta o interesse da dimensão humana, e nessa, a religiosa, no âmbito do comportamento. Já na Revista de Psicologia Normal e Patológica, são numerosos os artigos diretamente relacionados à Psicologia da Religião, com destaque, na época certamente surpreendentes em nosso meio, de estudos psicométricos da vocação religiosa. Finalmente, em REVER, são mais frequentes os artigos diretamente relacionados à Psicologia da Religião, uma vez que essa disciplina integra uma das linhas de pesquisa da novel Ciência da Religião. E cita, com detalhes, o estudo de Martha Henning e Carolina Moré, da Universidade Federal de Santa Catarina, que fazem uma “análise das interfaces temáticas” dos 29 artigos de Psicologia publicados na Revista entre 2000 e 2009, que têm como referência a religião, pessoal e interpessoal. Concluindo seu levantamento histórico-crítico, Edênio expressa um voto: o de que se constitua no Brasil uma pós-graduação em Psicologia da Religião, que consiga, de um lado, um intercâmbio eficaz entre as próprias disciplinas psicológicas e, de outro, entre essas e a Antropologia, a Sociologia, a História. Ao finalizar a apresentação dessa colaboração de Edênio com os Seminários “Psicologia & Senso Religioso”, sinto-me no dever de lembrar a série de nomes ilustres que, na Sociedade Brasileira de Psicologia Religiosa, originada na PUCSP, na Revista de Psicologia Normal e Patológica e em REVER, o próprio palestrante recorda: entre outros, Enzo Azzi, Abib Andery, Madre



Cristina Doria, Igor Caruso, Antal Benkő, Theo van Kolck, Odilon de Mello Franco, Shimatai Sichi, Léon Bonaventure. Um nome ilustre que o autor se esqueceu de citar é o do Professor João Edênio dos Reis Valle.

### **Apreciação geral**

É óbvio que os resumos apresentados não são suficientes para se conhecer a amplitude e a profundidade dos textos do professor Edênio. Os textos completos se encontram citados nas Referências, às quais remeto o leitor. O que mais chama a atenção nesses textos é a abertura mental do professor em relação aos temas de que trata. Possuidor de sólida formação em teologia e em psicologia, Edênio acolhe com interesse o novo, teórico e metodológico, tanto de uma como de outra. Sua formação em teologia e na psicologia mais clássica não interfere com sua simpatia pelo que de novo se vem propondo e encontrando na ciência. Edênio me confiou que, antes de se decidir pela teologia e pelo sacerdócio, pensou seriamente em cursar medicina. O interesse pelas ciências biomédicas continuou com ele durante a vida. Pode-se dizer que esse impulso não foi sufocado, mas encaminhado, pois Edênio tornou-se médico da alma e médico da psique. Conectado com uma rede internacional de pesquisadores, sobretudo na Alemanha, na Itália e nos Estados Unidos, mantinha-se informado das novidades e das críticas nos campos da filosofia, da teologia e das ciências. Essa abertura internacional não prejudicava, porém, seu apreço pela pesquisa nacional, sempre referida em seus escritos. Seu amplo conhecimento, que incluía os limites do próprio conhecimento, tornou-o modesto, dubitativo e inquiridor ao propor a discussão de um tema. E o fazia de maneira didática, não entrando de chofre no assunto, mas fornecendo-lhe um contexto. Nem por isso deixou de cometer imprecisões, mas imprecisões eruditas. Exemplo destacado é a troca de nomes na discussão da dissidência espírita e criação da Conscienciologia. Edênio, no texto, troca frequentemente o nome do Waldo Vieira por Waldo César. Este era um respeitado pensador, pastor presbiteriano e pesquisador do ISER, Instituto Superior de Estudos da Religião, do Rio de Janeiro. Waldo César era certamente um interlocutor apreciado de Edênio, razão pela qual seu nome lhe ocorria com mais facilidade que o de Waldo Vieira... Edênio se queixava, às vezes, do descuido das editoras, que deixavam de citar nas Referências autores e obras de que ele se valia nos seus textos. Em alguns capítulos com que colaborou nos livros editados pelos Seminários “Psicologia e Senso Religioso” podem ser encontrados alguns de tais descuidos. O saudoso professor Edênio lançou muitas sementes nos vários campos em que atuou. A Psicologia da Religião, na PUCSP, colhe e continuará colhendo seus frutos.

### **Referencias**

AMATUZZI, M. M (Org.). Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005.

ARCURI, I. G.; ANCONA-LOPEZ, M (Orgs.). Temas em psicologia da religião. São Paulo: Vetor, 2007.

ESPERANDIO, M. R. G.; FREITAS, M. H (Orgs.). *Psicologia da religião no Brasil*. Curitiba: Juruá, 2017.

FREITAS, M. H.; AQUINO, T. A. A.; PAIVA, G. J (Orgs.). *Morte, psicologia e religião*. São Paulo: Fonte Editorial; Edições Terceira Via, 2016.

PAIVA, G. J.; ZANGARI, W (Orgs.). *A representação na religião: perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.

PARGAMENT, K. I.; EXLINE, J. J. *Working with spiritual struggles in psychotherapy: from research to practice*. Nova York: The Guilford Press, 2022.

VALLE, E. *Psicologia e experiência religiosa: estudos introdutórios*. São Paulo: Loyola, 1998.

VALLE, E. Uma leitura brasileira de Para uma psicologia cultural da religião, de Jacob A. Belzen. *Revista de Estudos da Religião*, n. 12, p. 219-232, 2012.

VALLE, E. O espectro temático da psicologia científica da religião à luz das neurociências. São Paulo: Paulinas, 2020.

ZANGARI, W.; MACHADO, F. R.; PAIVA, G. J (Orgs.). *A psicologia do enfrentamento religioso na saúde e na doença*. Curitiba: CRV, 2022.

Recebido em: 01/09/2024.

Aprovado em: 10/03/2025.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Fábio L. Stern.